

Corpo e cidade: percepções sobre o modo de viver urbano

Paula Pereira Pinto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética. Graduada em Artes Visuais, licenciatura, também pela Universidade Federal de Pelotas.

Ursula Rosa da Silva

Doutorado em História (PUC/RS/2002) e Doutorado em Educação (UFPEL/2009). Professora Associada na Universidade Federal de Pelotas, desde 1995. Diretora do Centro de Artes da UFPel, professora nos cursos de graduação em artes e do Mestrado em Artes Visuais (UFPel). É líder do grupo de pesquisa: NEAP - núcleo de estudos em artes e patrimônio, junto ao CNPq. Coordena o SIGAM: Simpósio Internacional sobre Gênero, Arte e Memória, que ocorre em Pelotas (2008/2009/2011). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Filosofia da arte e estética, atuando principalmente nos seguintes temas: crítica de arte, cultura visual, gênero, estética e cotidiano na contemporaneidade. Tem trabalhado também no tema da interdisciplinaridade relacionando os ensinamentos de filosofia e arte.

Resumo. O presente artigo apresenta uma abordagem da arte contemporânea, relacionando a noção de corpo e espaço urbano, a partir de pensadores, como Merleau-Ponty e Bourriaud, e de alguns artistas que desenvolvem seus trabalhos dentro desta temática. O texto se caracteriza por ser uma reflexão sobre os deslocamentos provocados pela arte na interação com o espaço urbano. Além destes autores, também são apresentadas as categorias de Kujawski referentes ao cotidiano, às situações do dia a dia das pessoas: habitar, passear, trabalhar, conversar e comer. O artigo relaciona essas categorias a produções artísticas contemporâneas que as englobam nas temáticas das obras.

Palavras-chave. Corpo, arte, cotidiano, espaço urbano.

Body and city: perceptions about the mode of urban living

Abstract. This paper presents an approach to contemporary art, linking the notion of body and urban space, from thinkers such as Merleau-Ponty and Bourriaud, and some artists who develop their work within this theme. The text is characterized as a reflection on the displacements caused by the interaction with art in urban space. In addition to these authors, the categories of Kujawski relating to daily life and the situations of everyday people are also submitted to inhabit, walking, working, talking and eating. The article relates these categories to contemporary artistic productions that encompass the themes of the works.

Keywords. Body, art, everyday, urban space.

O corpo não é apenas uma máquina que carrega uma alma humana. Não é apenas um utensílio repleto de ferramentas que auxiliam nos afazeres diários. Sou um corpo. Ele recebe intervenções diretas a partir das escolhas de modos de vida, alimentação, rotina, exercícios, relações interpessoais e até mesmo a partir do modo positivo ou negativo de encarar a vida.

O corpo também guarda registros de tudo aquilo que me acontece. As fases da minha vida, escolhas que podem ter sido certas ou erradas, vestígios, cicatrizes, lembranças sulcadas no maior órgão do corpo humano que é a pele. Da mesma forma que o meio interage em mim, eu também ajo sobre o espaço com o qual convivo, alterando-o e ressignificando-o profundamente.

Esta noção de corpo só foi possível no século XX, com a contribuição, por exemplo, do pensamento de Merleau-Ponty, fenomenólogo francês, com sua concepção de corporeidade responsável por grandes mudanças nas ciências humanas. Merleau-Ponty criticava a visão mecanicista de corpo, advinda do racionalismo cartesiano, a qual defendia o corpo como um pedaço de carne, uma coisa (*res extensa*) que ocupava lugar no espaço, que fazia parte do mundo tanto quanto um objeto, e da qual poderíamos fazer experimentações e identificar padrões de comportamento: um mecanismo que funciona porque suas partes são como uma engrenagem, que, para funcionar, cada parte tem que cumprir sua função.

A expressão do corpo foi um dos caminhos que a fenomenologia merleau-pontyana desenvolveu para compreender o ser-no-mundo como um ser intencional, voltado para o mundo e para o outro. O ponto de partida de sua filosofia foi a análise do comportamento, como demonstra em sua primeira obra, *La Structure du Comportement*, cujo objetivo principal era o de apresentar a relação entre natureza e consciência, diferente da relação objetiva e exterior de conhecimento estabelecida pela filosofia e pelas ciências, até então. Nesta obra Merleau-Ponty chega à categoria de corpo como fenômeno, também chamado de “corpo-sujeito” ou “corpo-próprio”, diferenciando-o do objeto científico, pois é um corpo que é sujeito de seus atos, que apresenta uma intencionalidade e um poder de significação em sua relação de abertura para o mundo e dele não podemos nos separar no processo de conhecimento:

[...] reconhecemos para o corpo uma unidade distinta daquela do objeto científico. (...) Procurando descrever o fenômeno da fala e o ato preciso de significação teremos

oportunidade de ultrapassar definitivamente a dicotomia clássica entre sujeito e objeto. (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 183)

Para tentar superar os dualismos presentes na filosofia, inaugurados pela metafísica clássica, Merleau-Ponty examina a antinomia sujeito-objeto à luz das propostas do empirismo, do intelectualismo, e, na psicologia, de igual forma nas teorias do comportamento reflexo, do behaviorismo – no modo como estas apresentam o comportamento, decorrente do sistema nervoso central ou das relações do indivíduo com o meio ambiente – até chegar à *Gestaltheorie* ou psicologia da Forma, como primeira tentativa de superação dos pensamentos causais ou idealistas sobre o comportamento rumo a um tratamento dialético do tema.

Analisando o comportamento, Merleau-Ponty se dá conta da ambivalência do corpo, derivado das concepções antinômicas do intelectualismo, do mecanicismo causalista, do idealismo e do atomismo em relação a este: “[...] o espaço corporal é ambivalente. (...) O organismo é ao mesmo tempo uma máquina onde a atividade total é a soma das atividades locais, e um todo onde as atividades locais não são isoláveis” (1975, p.47, nota 2). O que o impressionou foi o fato de o corpo ser concebido, nas teorias da tradição, como uma coisa, e nas outras como ideia. Como poderia o corpo ser um feixe de pedaços em-si (*partes extra partes*), visto por um; e uma unidade, um todo, visto por outro? E, na certeza de que não se deve optar por um destes dois pólos, mas, ao contrário, superar esta segmentação, pois, “enquanto posições que correm o risco de se manterem em pólos antitéticos, elas deixam de pensar o entre-dois, o meio solicitado pela interrogação do filósofo”, ele apresenta uma terceira possibilidade: o corpo-próprio.

Este mesmo caminho crítico ele retoma na *Phénoménologie de La Perception*, contando com os conceitos de corpo e de percepção para apresentar-nos a existência ambivalente do corpo-próprio:

Fomos habituados pela tradição cartesiana a desprender-nos do objeto: a atitude reflexiva purifica simultaneamente a noção comum do corpo e da alma, definido o corpo como uma soma de partes sem interior e a alma um ser inteiramente presente em si sem distância. Estas definições correlativas estabelecem a clareza em nós e fora de nós: transparência de um objeto sem dobras, transparência de um sujeito que não é senão o que pensa ser. O objeto é objeto de ponta a ponta e a consciência é consciência de ponta a ponta. Há dois sentidos e somente dois sentidos da palavra existir: existe-se como coisa ou existe-se como consciência. A experiência do corpo próprio, ao contrário, nos revela um modo de existência ambíguo”. (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 231)

A linguagem do corpo dá, pois, a Merleau-Ponty a possibilidade de encontrar o sentido do mundo numa relação intencional e originária. O corpo encontra-se numa situação constante de percepção e de significação, como condição necessária deste ser que está em estado de abertura para o mundo.

Além da noção de corporeidade, outro conceito que se vincula à prática da arte contemporânea é de arte relacional. Nicolas Bourriaud afirma que a arte sempre foi relacional em diferentes graus, ou seja, sempre teve um elemento social que permitisse um diálogo (2008, p. 14). Além de possibilitar e ativar relações na sociedade, seja de consumo, seja de fruição, para Bourriaud, o fenômeno da urbanização contribuiu para o crescimento de trocas sociais e, nesse sentido, o vínculo urbano faz parte do modo como a arte hoje se apresenta. A arte relacional, para além da configuração de um espaço simbólico, é responsável por uma grande mudança estética, cultural e política. (Bourriaud, 2008, p. 13). E esta mudança radical envolve uma sociologia esboçada na cultura urbana mundial, ou seja, existe um modelo urbano presente nas manifestações culturais. A urbanização que se desenvolveu, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, acentuou os intercâmbios sociais, tanto quanto a mobilidade e circulação das pessoas por meio de redes de comunicação, de transportes, de informação, transformando o cotidiano e a mentalidade destas pessoas, como, por exemplo, na organização dos espaços de habitar:

Dada la estrechez de los espacios habitables en este universo urbano, asistimos en paralelo a una reducción de la escala de los muebles y de los objetos, que se orientan hacia una mayor maleabilidad: si la obra de arte pudo aparecer durante tiempo como un lujo señorial en el contexto urbano – tanto las dimensiones de la obra como las de la casa servían para distinguir al propietario –, la evolución de la función de las obras y de su modo de presentación indica una urbanización creciente de la experiencia artística. (BOURRIAUD, 2008, p. 14)

A relação do corpo com a cidade é constante para o sujeito urbano. Porém, nem sempre pode ser percebida se a pessoa não está atenta às suas atitudes e como elas repercutem no mundo exterior. Larrosa Bondía (2002, p. 24) relata que é necessário um *gesto de interrupção*, para que se consiga ter a experiência de percepção sobre aquilo que acontece e que de alguma forma toca o sujeito. Contudo, nesse atual cotidiano acelerado no qual se “sobre-vive”, um momento de interrupção do automatismo diário é bastante raro.

São os momentos estéticos, de percepção daquilo que está ao redor, que fazem do humano um humano. Duarte Jr. (2010, p. 25), define: “*Aisthesis*: em grego, a

capacidade humana de sentir o mundo, de senti-lo organizadamente, conferindo à realidade uma ordem primordial, um sentido [...].” Portanto, para este autor, anestesia é a incapacidade de sentir, talvez pela profusão de informações que se tem acesso e a falta de concentração em assuntos ou afazeres específicos.

Sobre este cotidiano atribulado, Kujawski (1988) registra o acontecimento da *Crise do Cotidiano*. Segundo ele, o século XX marcou a extinção da modernidade iniciada no Renascimento, sendo uma crise que afeta os *fundamentos da vida humana*. Contudo, crise não é sinônimo de decadência, exaustão e improdutividade para o autor, e sim um período de surgimento de uma nova organização.

A crise a que ele se refere não é política, religiosa, econômica ou científica. Kujawski (1988) procura justamente analisar as circunstâncias que quebram a ligação da pessoa com seu contorno, entendendo contorno como tudo com o que a pessoa se relaciona na vida diária, ou seja, os fundamentos da vida. Para ele, a crise se torna problemática no momento no qual o sujeito perde suas bases históricas e do seu presente porque assim não consegue visualizar um possível futuro. Sem passado nem presente, não há futuro.

Ele analisa o que chama de *Categorias típicas do cotidiano*, que seriam as formas elementares da vida humana que sustentam o cotidiano, permitindo um sistema de referências, sendo elas: **habitar, passear, trabalhar, conversar e comer**. A seguir, estas categorias, uma a uma, serão apresentadas e relacionadas a produções artísticas que as englobam nas temáticas das obras.

Habitar

A raça humana constrói seu abrigo de habitação por toda a extensão da Terra, tentando dominar e, muitas vezes, destruindo a natureza. Contudo, é um animal que cria afinidade com o lugar onde vive, com seus familiares e suas relações. Segundo Kujawski (1988, p. 44) a crise da habitação é: quantitativa e econômica, pois a população humana é demasiado grande em certos continentes e o poder aquisitivo nem sempre acompanha a especulação imobiliária; é qualitativa porque as casas e apartamentos estão cada vez menores, proporcionando espaços por demais funcionalizados; e errantes, pois as gerações de jovens apenas sentem-se bem quando

estão a todo o tempo em movimento, trocando de casas e viajando pelo mundo. Há, ainda, outro fator importante sobre o habitar que é a violência urbana. “Ao homem contemporâneo é negada a habitação no lar e também na cidade. Viver na cidade é, agora, lutar corpo a corpo com o outro, o concorrente, o agressor, o assaltante.” (KUJAWSKI, 1988, p. 45)

Sobre essa relação entre o sujeito e a moradia, José Bechara, artista nascido e residente no Rio de Janeiro/Brasil utilizou a casa que serviu de residência para cem artistas plásticos em Faxinal do Céu, município de Pinhão (PR) e ao final dos encontros realizou uma instalação na qual a casa cospe o seu interior. O trabalho (Fig. 01) quebra a ideia de refúgio seguro da casa. Ela se torna inabitável, rejeitando a possibilidade de moradia.



Figura 01 - José Bechara. *Vista lateral 1*, 2002 (da série Paisagem doméstica ou Não me lembro do que dissemos ontem). Fotografia. 80 x 120 cm. Tiragem de 10. Registro fotográfico: Dedina Bernardelli.
Fonte: <<http://josebechara.com/a-casa/>>

Passear

A situação vivenciada no momento de um passeio transforma e forma a pessoa. Quando o mesmo percurso é traçado diariamente é criada uma identificação com o lugar e também a satisfação de conhecer todos que ali habitam, participando daquele cotidiano. “Passear é apropriar-se biograficamente da cidade, do lugar, incorporando-a, sucessivamente, cena por cena, à minha circunstância. Quando passeamos (e não simplesmente passamos), a cidade *acontece* para nós [...]” (KUJAWSKI, 1988, p. 49).

A caminhada, o percurso, proporciona momentos estéticos de apreciação do contorno, todavia nem sempre isso ocorre dependendo da forma que a pessoa se relaciona com o espaço. Uma caminhada sem pressa, observando o caminho, sentindo

os cheiros, tocando as texturas do lugar é bem diferente de um passeio de carro, no qual o percurso é rápido e as imagens são fugidias pela velocidade. Outra situação diferente é quando o sujeito faz uma corrida, ouvindo música alta nos fones de ouvido, tentando se desligar do mundo terreno.

Há diversas formas de relação com a cidade, e o artista Paulo José Keffer Franco Netto, ou Pazé, como é conhecido, encontrou sua forma artística de falar sobre esses percursos e deslocamentos. Brasileiro, oriundo de São Paulo, criou a obra-performance chamada *Transeunte* (Fig. 02). Trata-se de um boneco criado em látex, em tamanho natural do artista, caracterizando-se como seu alter ego. O boneco circulou por diversos pontos do Centro de São Paulo, percursos históricos daquele espaço (CANTON, 2009, p. 26). Pazé, paraplégico, faz com que seu boneco quebre os obstáculos do percurso, representando um sobre-humano, pela possibilidade de caminhar pelas paredes e muros dos edifícios.

Movendo-se num estado mágico, que parece se estabelecer entre o sonho e a vigília, o *Transeunte* propõe pontuar, com seu próprio corpo, as narrativas e visualidades para compor uma cartografia peculiar da cidade. Movimentando-se diariamente, durante um mês consecutivo, o boneco, manipulado pelo autor-artista, nos devolve um olhar humano, pleno de curiosidades e perplexidade diante dos detalhes silenciosos da cidade. (CANTON, 2009, p. 28-29)



Figura 02 – Pazé. Da série *Transeunte*, 2001-2004.
Fonte: <<http://www.3c.art.br/programa-de-multiplos/paze>>

Trabalhar

Na maioria das vezes se trabalha por necessidade financeira e não por gosto pela atividade. Kujawski (1988, p. 47) relata que nessa crise do cotidiano o caráter artesanal, criador, o toque pessoal, foi perdido, tendo o trabalho se transformado em função, atividade anônima e mecânica. Para ele, “[...] o trabalho, fonte de vida, degenera em potencial de morte, e, ao ‘ganhar a vida’, o homem contemporâneo conhece seu aniquilamento [...]” (KUJAWSKI, 1988, p. 46). Portanto, o trabalho que deveria garantir felicidade ao cidadão, acaba o tornando infeliz, sem realização pessoal.

No filme *Tempos Modernos*, 1936 (Fig. 03), Chaplin satiriza mostrando um operário realizando sua função cotidiana de apertar parafusos em uma fábrica. Essa crise, que para Kujawski é do século XX, com certeza continua no século XXI. Apesar de existirem alguns grupos que conseguem se desprender do sistema capitalista de trabalhar para ter dinheiro, gastar, trabalhar por mais dinheiro, gastar mais, e assim sucessivamente, a grande parcela da população vive sobre este imperativo.

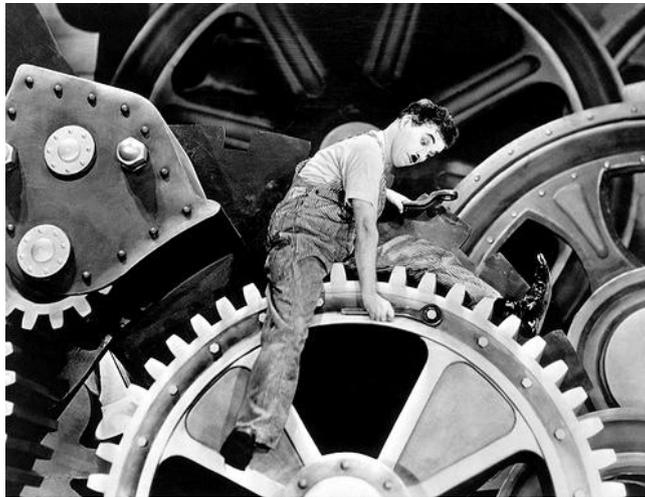


Figura 03 - Charles Chaplin. *Tempos Modernos*, 1936.
Fonte: <<http://cineindiscreto.wordpress.com/2010/05/06/258/>>

Conversar

A conversa e o ato de conversar permitem trocas de conhecimentos, socialização, crescimento grupal pelo compartilhamento de ideias, conhecer o outro e seus posicionamentos. Para Kujawski (1988, p. 47), a conversa passou a ser tratada como perda de tempo, contudo “[...] é ganho de tempo à medida que perfazemos nossa experiência própria com a experiência do outro.”

Os artistas brasileiros Daniel Acosta e Antonio Silva criaram um dispositivo que proporciona que transeuntes da rua experimentem o comer e o conversar de forma diferente da habitual. O dispositivo é carregado até o local escolhido para a intervenção e é montado, tratando-se de uma cozinha com mesa para produzir o alimento e servi-lo no mesmo local. A figura 04 corresponde à intervenção feita no Largo Santa Cruz, em São Paulo. Pessoas que passavam pelo largo eram convidadas a sentarem-se frente a desconhecidos e compartilharem da comida feita pelos artistas. A proposição abre uma fenda no cotidiano das pessoas participantes, pois se alimentam em um local que antes estava apenas no seu percurso e interagem com desconhecidos.



Figura 04 - Daniel Acosta e Antonio Silva. *SAP- Sistema de Alimentação Portátil. Ação Cozinha Portátil*, desenvolvida no projeto Comestível. Coord. geral Ateliê Aberto e coord. gastronômica Paris Lado B. Largo Santa Cruz – Campinas, SP, Brasil.

Fonte: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.567523546612893.1073741841.549741491724432&type=3>>

Comer

O ato humano de comer é um ritual. Envolve escolher os alimentos necessários para a refeição, cortar, temperar, cozinhar e servir conforme a cultura de cada grupo. Contudo, há outras relações que surgem no comer, como o socializar com a família, criar um momento de encontro/celebração com os amigos, ou até mesmo retomar memórias através de um cheiro ou gosto existente naquela refeição.

Cláudia Paim, artista brasileira e professora da FURG, realizou a performance *Tenho medo de quem só quer o meu bem* (2009) em Belo Horizonte, durante a II Manifestação Internacional de Performance. O trabalho artístico (Fig. 05) trata sobre o cotidiano familiar que modela o comportamento alimentício da criança, mudando a forma de ver seu corpo e se relacionar com o mundo. Ao mesmo tempo em que a artista come até atingir seu limite, ela pronuncia frases comuns de se ouvir no período da infância, falando de saúde, alimentação e beleza.



Figura 05 - Cláudia Paim. *Tenho medo de quem só quer o meu bem*, 2009. Belo Horizonte. Fonte: <<http://claudiapaimperformance.blogspot.com.br/p/textos-sobre-performance.html>>

Apesar de que para o autor Kujawski (1988, p. 53-54) as *categorias típicas do cotidiano* estavam em crise no século XX, creio que agora no XXI muita coisa ainda se manteve igual. As pessoas estão sempre com pressa, na correria insana do cotidiano, e nesse ritmo acelerado conversam menos com os vizinhos, ou até mesmo não os conhecem, não percebem em profundidade o local onde habitam. Casa e a alimentação ficaram funcionalizadas, com apartamentos de peças pequenas, apenas para habitar no período de sono e refeições de *fast food*, com o pretexto de poupar tempo.

Entretanto, novos modos estão surgindo, como as conversas virtuais que reaproximam pessoas que não se veem há muitos anos, por mudanças de cidade ou

perda do contato. Grupos de pessoas com novas posturas de alimentação, como veganos, macrobióticos, vegetarianos, e tantos outros que procuram por meios renováveis de consumo. E ainda aqueles que não desistem da busca de um emprego que os realize pessoal e profissionalmente, algo que deixe de ser exercido como função e alcance o prazer.

A contribuição da arte está em permitir que se pensem e se realizem novos modos de estar no mundo, por meio do corpo, na criação de objetos, por novas formas de estabelecer relações sociais, ou, ainda, por possibilitar sempre novos olhares sobre o mundo.

Esta pesquisa conta com o apoio da FAPERGS, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Referências:

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-fev.-mar.-abr. 2002. Disponível em:

<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde19/rbde19_04_jorge_larrosa_bondia.pdf>

Acesso: 26 set. 2013.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008.

CANTON, Katia. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Cozinha Portátil. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.567523546612893.1073741841.549741491724432&type=3>> Acesso em: 19 jan. 2014.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **A montanha e o videogame**: Escritos sobre educação. São Paulo: Papirus, 2010.

José Bechara. Disponível em: <<http://josebechara.com/a-casa/>> Acesso em: 19 jan. 2014.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **A crise do século XX.** São Paulo: Ática, 1988.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la Perception.** Paris: Ed. Gailimard, 1945.

_____. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Bastos, 1975.

PAIM, Cláudia. **Tenho medo de quem só quer o meu bem.** Disponível em: <<http://claudiapaimperformance.blogspot.com.br/p/textos-sobre-performance.html>> Acesso em: 19 jan. 2014.

Pazé. Disponível em: <<http://www.3c.art.br/programa-de-multiplos/paze>> Acesso em: 16 maio 2013.

Tempos Modernos. Disponível em: <<http://cineindiscreto.wordpress.com/2010/05/06/258/>> Acesso em: 30 mar. 2014.